RESENHA BIBLIOGRÁFICA

Shared values for a troubled world. Rushworth M. Kidder. San Francisco, Jossey-Bass, 1994.

ISABEL DE SÁ AFFONSO DA COSTA*

Embora escrito em 1994, este livro se revela bastante atual. É derivado de um outro do mesmo autor, *An agenda for the 21st century*, que, por sua vez, é produto de um trabalho de entrevistas com 22 cidadãos internacionalmente conhecidos, buscando identificar os assuntos decisivos e prioritários que deveriam, inevitavelmente, estar em pauta numa agenda para o próximo século. Ao lado de problemas tais como a ameaça nuclear, a degradação do meio ambiente, a crise populacional, a crescente distância entre países pobres e ricos e a necessidade de mudança nos sistemas educacionais, um tema inesperado surgiu com força dessas entrevistas: a preocupação geral com uma falência global da ética e da moralidade.

Da percepção da relevância e do desafio que o tema representa surgiu a proposta do livro de que estamos tratando. Ele busca analisar por que necessitamos mais do que nunca de um código de valores compartilhados e, principalmente, responder à seguinte pergunta: pode existir um código global de ética? Para isso, foram ouvidas 24 pessoas, reconhecidas por seus pares como referências de padrão ético, guardiões da consciência de suas comunidades e centros de gravidade moral, divididas nas seguintes áreas:

- religião e caridade — Reuben Snake (chefe de tribo norte-americana), James Joseph (executivo de uma fundação), Shojun Bando (monge budista), Le Ly Hayslip (escritor e ativista vietnamita) e Bernard Przewozny (padre, administrador de um prêmio internacional para o meio ambiente);

* Doutoranda em administração pela FGV.

- educação e juventude — Graça Machel (ex-primeira dama de Moçambique), Derek Bok (ex-presidente da Universidade de Harvard), Whina Cooper (ativista maori), A. H. Halsey (professor da Universidade de Oxford) e Jill Ker Conway (autora australiana e ex-presidente do Smith College);
- negócios e economia — Muhammad Yunus (banqueiro em Bangladesh), Kenneth Boulding (economista e autor britânico), James Baker (CEO americano), Newton Minow (ex-presidente da Comissão Federal de Comunicações dos EUA) e John Gardner (fundador da organização Common Cause);
- literatura e jornalismo — Nien Cheng (autora chinesa), Tarzie Vittachi (jornalista cingalês), Astrid Lindgren (autora sueca), Sergio Muñoz (colunista e editor) e Katherine Whitehorn (colunista do *Observer*);
- governo e política — Oscar Arias (ex-chefe de Estado de Costa Rica e ganhador do prêmio Nobel), Salim El Hoss (ex-primeiro ministro do Líbano), Jeanne Kirkpatrick (ex-embaixatriz dos EUA nas Nações Unidas) e Federico Mayor (diretor-geral da Unesco).

Inicialmente, pode-se perguntar: por que essa sensação de que a ética e a moralidade estão em crise? Por que essa questão tornou-se tão premente? Parece haver uma inadequação entre os nossos sistemas de valores e os desafios impostos pela realidade que vivemos, inadequação que tende a acentuar-se no futuro.

A visão que se apresenta do nosso futuro mostra-nos três tendências centrais que o farão qualitativamente diferente do nosso passado: primeiro, o mundo está-se tornando cada vez menor, uma aldeia global (*worldshrink*); segundo, há a expansão da tecnologia (*technobulge*) e, por fim, há a necessidade de se construir o consenso.

A primeira tendência implica que estamos caminhando para um mundo cada vez mais inter-relacionado e interdependente, cujos problemas mais prementes, tais como crescimento populacional, pressão sobre o meio ambiente e pobreza, afetam todo o planeta.

A expansão da tecnologia traz como resultado o fato de que os desafios éticos de hoje são diferentes daqueles do passado não só em escala, como também em sua natureza. Os imperativos morais e os dilemas éticos trazidos, por exemplo, pelo avanço da engenharia genética, exigem questionamentos inteiramente novos nos planos individual, nacional e global.

A necessidade de se buscar o consenso surge da característica inescapável dos problemas que enfrentaremos no século XXI: as soluções e seus impactos terão de ser pensados de maneira global. Já neste fim de século, a solução para os problemas globais, antes considerada um luxo reservado para poucos, tornou-se uma preocupação para qualquer pessoa que pense. Simplesmente, tornou-se uma questão de sobrevivência.

No entanto, a real solução de problemas exige um pré-requisito: um esquema comum de valores, explícitos ou não, no qual todas as partes envolvi-

das sintam-se comprometidas. Quando se pensa na solução de problemas globais, esta requer um conjunto de valores partilhados não só pelas disciplinas (áreas de conhecimento) exigidas para o entendimento e a solução dos problemas, como também pelas diferentes culturas, raças e tradições envolvidas nessas soluções. Assim, a busca de pontos de estabilidade moral como plataformas para a solução de problemas é imperativa para a efetividade das soluções propostas — que, no caso de problemas globais, tratam da própria possibilidade de sobrevivência do planeta.

No que tange à ética, as opiniões geralmente manifestadas admitem que, aparentemente, falhamos em nossos esforços para atingir um conjunto consistente de elevados padrões. No entanto, essas mesmas opiniões apontam a ética como uma das questões centrais do futuro. Se, de fato, falhamos em atingir altos padrões éticos, isto é diferente de não ter qualquer padrão a atingir. Mas a questão que permanece é: existem, de fato, padrões morais objetivos e universais?

A crença de que não existem padrões morais objetivos, que tudo que trata de ética é situacional, uma resposta negociada para um mundo mutável e subjetivo, é bastante enraizada nos discursos acadêmicos de filosofia e alcançou o pensamento do público no início do século. Embora reconheça-se que esta noção reflete o desejo nobre e profundo de nossa era de respeito à diversidade e de tolerância, a doutrina de que não existem absolutos é muitas vezes tão veementemente afirmada que se torna um absoluto em si mesma. Esse dogma promove a desconsideração dos comprometimentos mútuos e encoraja a dissolução de padrões de ação e comportamento. Além disso, dilui a capacidade de reconhecimento e construção para o futuro. Sua adoção como um padrão educacional torna praticamente impossível promover idéias éticas entre as sucessivas gerações: se não há um padrão moral fixo, que ética devemos ensinar?

A tarefa para o século XXI, à medida que o mundo se move para o inter-relacionamento global, será orientar um caminho intermediário entre padrões e tolerância. A tarefa será descobrir uma ética comum que reflita a apreciação de padrões bem-fundamentados, retendo o progresso feito em muitas áreas no que tange à tolerância e à diversidade.

Para responder à questão da possibilidade de se identificar um código global de ética, as entrevistas foram agrupadas em cinco grandes áreas da experiência humana: religião e caridade, educação e juventude, negócios e economia, literatura e jornalismo e governo e política.

Os oito valores comuns que formariam um código global de ética, segundo os entrevistados, são:

- amor (*love*);
- autenticidade (*truthfulness*);
- justiça (*fairness*);
- liberdade (*freedom*);

- unidade (*unity*);
- tolerância (*tolerance*);
- responsabilidade (*responsibility*);
- respeito pela vida (*respect for life*).

A lista de valores pode surpreender por ser familiar e comum. Isto é positivo, pois códigos de ética, para serem práticos, precisam ter por trás de si um amplo consenso. A originalidade da lista importa menos que sua consistência e universalidade.

A lista não é, como o autor nos lembra, *a* resposta, mas *uma* resposta para uma questão primordial sobre o século XXI: podemos nós, os povos do mundo, convergir num terreno ético comum que nos permita agir de maneira positiva para que a experiência humana não termine?

Não há dúvida de que a ética ainda está por se estabelecer como um domínio de assuntos domésticos e internacionais que reúna políticos, jornalistas, professores, diplomatas e todo o público. Para que isso seja possível, há necessidade de uma linguagem do discurso público que nos permita falar amplamente sobre ética sem soarmos vazios ou vitorianos: uma linguagem que este livro busca ajudar a desenvolver.

Então, que valores ensinar? O livro de Kidder dá, se não a resposta, pelo menos uma resposta. Ele oferece para consideração — e certamente um ponto de partida para refinamento — um conjunto de valores que é simples, direto e razoavelmente universal. Ele provê, em outras palavras, um código de valores tão básico e difundido que permite que a preocupação com os "valores de quem" se esmaeça no reconhecimento da existência dos "nossos valores": aqueles articulados por pessoas de todo o mundo, e que assim sendo, podem ajudar a criar as condições morais para um século XXI sustentável.

Seguem algumas frases dos entrevistados sobre cada um dos valores apresentados no código acima.

- Amor — "A base do comportamento moral é primeiramente solidariedade, amor e assistência mútua" (Graça Machel); "Não se pode guiar [alguém] sem amor" (Nien Cheng); "Temos que nos compadecer e ajudar uns aos outros", "apoiar uns aos outros na estrada da vida" (Reuben Snake); "[Amor] esta é a principal palavra para aquilo que necessitamos: amor (...) com todas as pessoas" (Astrid Lindgren).
- Autenticidade — "Não se deve obter os fins através de mentiras e práticas enganosas", e devemos ter "responsabilidade de cumprir [nossas] promessas" (Derek Bok); "[Devemos] ser honestos, não mentir, não ter medo de expressar nossas opiniões" (Astrid Lindgren).
- Justiça — "Relaciono justiça a tratar os outros como eu gostaria de ser tratado. Acredito que esta regra serve bem à humanidade. Ela deve fazer parte de qualquer ética para o futuro" (James Baker); "A busca de igualdade é

básica" (Sergio Muñoz); "[Necessitamos] de mais igualdade entre os sexos" (Jill Ker Conway); "Igualdade — o valor mais importante em todo o mundo — entrou em colapso" (Federico Mayor).

- Liberdade — "Mesmo os povos primitivos sabiam quando eram subjugados — e não gostavam", "o desejo de liberdade persiste até o presente como um dos valores básicos da humanidade" (John Gardner); "Sem o princípio da consciência individual, todas as tentativas de se institucionalizar a ética necessariamente falharão (...) o curso último do globo será determinado pelos esforços de inumeráveis indivíduos agindo pelas suas consciências" (Oscar Arias); "Eu acredito que a democracia é uma necessidade para o mundo todo", "[Democracia é] liberdade de expressão, mais *accountability*, mais igualdade de oportunidades" (Salim El Hoss).
- Unidade (é o valor que abarca o papel do indivíduo num coletivo maior) — "Isto é o que é exigido de nós agora: colocar nossa comunidade em primeiro lugar, quer dizer, a Terra em primeiro lugar, e todas as coisas vivas" (Varindra Tarzie Vitachi); "O problema surge quando o bem comum é interpretado em termos individualistas", "a Terra e seus bens naturais são herança de todos os povos" (padre Bernard Przewozny).
- Tolerância — "Se somos realmente sérios em relação a valores, então temos que adicionar [à lista] tolerância logo cedo (...) Porque temos que ter limites. Quanto mais dizemos 'valores são importantes', mais temos que dizer 'existem limites para que você imponha seus valores a mim'." (John Gardner); "É uma questão de respeito para com a dignidade de todos nós (...). Se você tem uma idéia diferente da minha, não é porque você é pior do que eu. Você tem o direito de pensar diferentemente" (Graça Machel); "Tolerância é um respeito decente pelo direito de outra pessoa ter idéias, uma obrigação ou, pelo menos, um forte desejo de ouvir diferentes pontos de vista e tentar entender por que a pessoa os tem" (Derek Bok).
- Responsabilidade — "Somos responsáveis por nossos netos, e tornaremos mais fácil ou mais difícil para nossos netos serem boas pessoas, dependendo do que fazemos aqui e agora" (A. H. Halsey); "Você deve tomar conta de si mesmo. Depender dos outros é vergonhoso" (Nien Cheng); "Se você vem a minha casa e me vê deitado, muito doente, você não se atreve a me mover, porque você não é médico. Então, onde está seu dever humano? Onde está seu instinto humano de tentar me salvar? Você não o tem. Você o perdeu, porque há muitas regras" (Hayslip); "Responsabilidade não é muito mencionada em discussões de política mundial ou ética: tudo que se fala é sobre direitos, demandas e desejos. Os direitos humanos são uma prioridade crítica e inquestionável para as sociedades (...) Direitos tornaram-se mais importantes que responsabilidades, (...) indivíduos tornaram-se mais importantes que a comunidade. Nós chegamos a um ponto em que todos têm direitos e ninguém tem responsabilidade" (Newton Minow).

- Respeito pela vida — "Fui primeiro-ministro [do Líbano] por sete anos e meio. Não posso me imaginar assinando a pena de morte de ninguém no mundo. Penso que isso é completamente ilegítimo, e que é o tipo de coisa de que um código de ética deveria tratar" (Salim El Hoss).

Cabe a nós construir as respostas aos desafios do século XXI. Aprendemos com o século XX que as respostas às questões cruciais para a sobrevivência humana não parecem passar somente por uma questão técnica, cuja solução viria através de uma ciência "neutra" e "sem juízo de valor". A construção de um século XXI sustentável exige repensar nossa convivência no mundo e elaborar códigos de ética que sustentem essa nova ordem. O que precisamos, na verdade, é justamente de valores. Porque são os valores que condicionam nossas percepções, nossas escolhas e nossa ação no mundo. Não podemos deixá-los de lado em nenhuma agenda, para nenhum século. É nesse esforço de construção que este livro se insere.

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

Imposturas intelectuais: o abuso da ciência pelos filósofos pós-modernos. Alan Sokal & Jean Bricmont. Rio de Janeiro, Record, 1999. 316p.

Sylvia Cosntant Vergara*

Alan Sokal escreveu um artigo intitulado "Transgredindo as fronteiras: em direção a uma hermenêutica transformativa da gravitação quântica". Só o título já causaria *frisson* nos teóricos mais herméticos em suas postulações. Deveria ser algo muito novo que, certamente, expandiria ainda mais as fronteiras do saber. Seria? Sokal mandou o artigo para a *Social Text*, conceituada revista de estudos culturais. Apoiavam o texto inúmeras citações perfeitamente referenciadas e, de fato, pertencentes aos seus autores. Certamente, isso lhe garantiria a aprovação da comunidade acadêmica, uma vez que revelava conhecimento da matéria que expunha. Afinal, eram nomes como os de Heisenberg, Kuhn, Feyrabend, Aronowitz, Bohr, Bohn, Gödel, Althusser, Capra, Lacan e Derrida, entre outros.

O texto privilegiava os seguintes tópicos:

- a mecânica quântica: incerteza, complementaridade, descontinuidade e interconexão;
- hermenêutica da relatividade geral clássica;
- gravitação quântica: corda, entrelaçamento ou campo morfogenético?;
- tipologia diferencial e homologia;
- teoria das variedades: conjuntos e fronteiras;
- transgredindo as fronteiras: em direção a uma ciência liberatória.

* Professora da EBAP/FGV e do IAG, PUC-Rio.

O artigo foi publicado na primavera/verão de 1996, em edição especial. O máximo!

Não é que, tempos depois, Sokal revelou que seu artigo era uma paródia, um escárnio? Com todas as letras, disse que o texto estava cheio de absurdos e de falta de lógica e que seu objetivo era "combater o discurso pós-modernista, pós-estruturalista, social-construtivista atualmente em moda — e mais genericamente a tendência para o subjetivismo"; queria demonstrar que um olhar mais atento a esse discurso revelaria que, por trás da aparente erudição científica de seus formuladores, o rei estava nu. O artigo era uma farsa. Foi um deus-nos-acuda! *Social Text* sentiu-se traída.

Imposturas intelectuais tem a intenção de apresentar as razões pelas quais Sokal escreveu o artigo mencionado. Na tarefa, Bricmont o ajuda. Querem provar as "mistificações físico-matemáticas" perpetradas por Jacques Lacan, Jacques Derrida, Jean-François Lyotard, Michel Serres, Julia Kristeva, Luce Irigaray, Bruno Latour, Jean Baudrillard, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Paul Virílio, que tanta influência têm exercido no mundo acadêmico. Querem apresentar os "abusos extremos" descobertos por Sokal. Consideram abuso falar de teorias científicas sobre as quais muito confusamente se tem uma idéia; importar conceitos próprios das ciências naturais para as ciências humanas e sociais, sem qualquer justificativa conceitual ou empírica; impressionar e intimidar os leitores não-cientistas; manipular frases carentes de sentido, de lógica, e imaginar que o escrito, explorando o prestígio das ciências naturais, pode transmitir ao leitor rigor no trato das idéias expostas. Querem, então, desmascarar a "linguagem deliberadamente obscura e os pensamentos confusos" desses autores, criticar o relativismo epistêmico e o que consideram "conceitos errôneos" da ciência pós-moderna e desconstruir a reputação de certos textos: "denunciar a desonestidade e a impostura intelectual, venha de onde vier". *Imposturas intelectuais* pretende ser, portanto, uma obra demolidora.

Afinal, o que Sokal e Bricmont criticam? Basicamente, dizem que Lacan e todos os outros mencionados usaram conceitos matemáticos e os da física para apoiar seus discursos e, no entanto, tais conceitos não cabem aí por uma razão: os formuladores dos discursos não conhecem os conceitos nos quais se apóiam e, portanto, os usam indevidamente. Sokal e Bricmont aceitam que não têm competência para julgar os aspectos não-científicos dos autores que criticam, mas que têm a competência científica, uma vez que são peritos em matemática e em física. Sokal é professor de física na Universidade de Nova York, nos EUA, e Bricmont na Universidade de Louvain, na Bélgica.

Para Sokal e Bricmont ciência tem, pelo menos, quatro significados:

- esforço intelectual, visando a uma compreensão racional do mundo;
- conjunto de idéias teóricas e experimentais aceitáveis;
- comunidade social com costumes específicos, instituições e vínculos com a sociedade mais ampla;
- ciência aplicada e tecnologia.

Para os autores, "para ser científica, uma teoria tem de ser testada empiricamente (...) e, quanto mais rigorosos os testes, melhor".

Sobre Thomas Kuhn, dizem que sua visão de história não ajuda sociólogos e filósofos que querem desafiar a confiabilidade dos resultados científicos.

Para se ter uma idéia do texto de Sokal e Bricmont, são aqui destacadas algumas críticas.

Jacques Lacan é apontado como se excedendo em freqüentes referências à matemática, notadamente no ramo que trata dos objetos geométricos, sem jamais explicar a pertinência desses conceitos para a psicanálise; os enunciados matemáticos são destituídos de sentido.

Julia Kristeva faz crítica literária, escreve sobre psicanálise e filosofia política. Não entende os conceitos matemáticos a que recorre; logo, não faz (e não pode fazer) qualquer esforço para justificar a pertinência de tais conceitos nas áreas que pretende estudar.

Paul Feyerabend mistura irrefletidamente julgamentos de fato e os de valor. Seu relativismo metodológico é tão radical que se torna auto-refutável.

Luce Irigaray transita pela psicanálise, pela lingüística e pela filosofia da ciência. Afirma a influência de fatores culturais, ideológicos e sexuais sobre as escolhas científicas, nada contribuindo para o campo. Confunde sentidos corriqueiros das palavras com seu sentido na lógica; ignora a lógica matemática de que tanto fala.

Bruno Latour faz a análise semiótica da teoria da relatividade, que não compreende bem. Confunde a pedagogia da relatividade com o conteúdo técnico da teoria em si.

Jean-François Lyotard, Jean Baudrillard, Gilles Deleuze e Félix Guattari, que têm discutido a teoria do caos, são, especialmente os dois últimos, "desavergonhados" em explorar confusões verbais. Sokal e Bricmont acrescentam que "Algumas aplicações fantasiosas da teoria do caos — por exemplo, na gestão das empresas ou mesmo na literatura — beiram o absurdo. E, para piorar as coisas, a teoria dos caos — que é bem desenvolvida matematicamente — é freqüentemente confundida com as teorias, ainda emergentes, da complexidade e auto-organização".

Paul Virilio, cujos pontos de vista políticos e sociais são apreciados por Sokal e Bricmont, segundo estes intoxica-se com as próprias palavras; o que apresenta como ciência não passa de enormes confusões e delirantes fantasias.

Não param aí as críticas. Delas não escapam Henri Bergson, a quem atribuem as origens do abuso intelectual e Maurice Merleau-Ponty.

Interessante em *Imposturas intelectuais* é que os autores usam o conceito de "falseabilidade" de Popper, a quem também criticam, para apoiar muitas de suas argumentações. Igualmente buscam em um número infindável de autores o suporte para sua crítica. A maioria deles não é conhecida pelo leitor não-cientista, conforme o entendem os autores, dando margem a que tal leitor possa duvidar da força das argumentações. Viria outro artigo por aí? É bem verdade que o denodo com que Sokal e Bricmont "provam", argumentativamente, que estão certos, impressiona (como ficam impressionados os leitores de Lacan, Derrida e outros). Logo, a possível tarefa de refutá-los não é trivial.

Imposturas intelectuais provoca muitas reflexões. Por exemplo: por que as ciências humanas e sociais usam, metaforicamente ou não, conceitos matemáticos e os das ciências naturais? Será, realmente, por conta do *status* de tais ciências, como afirmam Sokal e Bricmont? Será que o campo humano e o social não podem ser apreendidos pela racionalidade científica, tal como a entendem Sokal e Bricmont? Tais campos teriam de buscar uma racionalidade científica própria? Ou nem mesmo podem ser objeto da ciência? Um dos procedimentos da ciência, por exemplo, asseveram os autores, é o teste empírico, a replicação. É possível replicar assuntos humanos e sociais? Nesses assuntos, como diria Heráclito, se o leito do rio é o mesmo, as águas não o são. E agora? Outras reflexões, certamente, serão provocadas no leitor da obra completa.

De toda forma, valem os alertas que podemos inferir da obra de Sokal e Bricmont. Por ilustração: devemos estar atentos ao que é produzido por outros ou ao que produzimos, sua consistência, coerência e confiabilidade. Devemos cuidar para que textos herméticos não nos deslumbrem, impedindo a possível crítica, ou não nos impressionem a tal ponto que nos consideremos ignorantes por não entendê-los. Precisamos admitir que as "autoridades" que nos habituamos a admirar e a usar como suporte às nossas reflexões e posições podem estar tão equivocadas quanto muitos de nós. Devemos estar atentos ao fato de que às vezes pinçamos das obras de "autoridades" palavras que nos interessam, sem nos darmos conta de que o leitor conhecedor de tais obras — portanto, do contexto do qual as palavras foram retiradas — facilmente poderá identificar a impropriedade das citações em face do que queremos argumentar.

Certamente, muitos dos leitores de *Imposturas intelectuais* estão vivamente aplaudindo a obra; outros, detestando-a. Então, numa provocação a Sokal e Bricmont, aí vai uma expressão do pós-modernismo que eles tanto abominam: *vive la différence*!